

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: 76
 Data 09/05/90 Pg.: _____

Violeta aponta reação dos povos da floresta

A pesquisadora do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e coordenadora do Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Estado do Pará (Idesp), Violeta Loureiro, defendeu a participação engajada dos sociólogos nos movimentos sociais engendrados pelos povos da floresta (seringueiros, ~~indígenas~~ e caboclos) na luta pela construção de um projeto nacional de ocupação e exploração dos recursos naturais da Amazônia. "O Estado brasileiro constatou tardiamente que a Amazônia não é um vazio demográfico, graças à reação dos povos da floresta e das populações das periferias urbanas que não agüentam mais a exclusão a que foram submetidas". Segundo ela, essa reação está configurada nas áreas dos grandes projetos onde a população não aceita

mais ser relegada a segundo plano. "Na área do Grande Carajás, por exemplo, os colonos perdem a produção agrícola porque são impedidos de utilizarem a estrada controlada pela Companhia Vale do Rio Doce e construída com recursos públicos", denunciou. No plano internacional, a socióloga chamou a atenção para as pressões do movimento ecológico, que vem tornando o Banco Mundial mais suscetível ao problema da degradação da massa vegetal embutido nos empreendimentos que dependem de financiamento externo. Citou, ainda, os "empates" promovidos pelos seringueiros do Acre, para impedir as queimadas promovidas por grandes fazendeiros e impedir a derrocada dos seringais. Além da reação esboçada pelos Kayapó no encontro

realizado há um ano em Altamira, dos castanheiros do sul do Estado e dos garimpeiros.

Rebatendo à crítica de um participante do encontro, que atribuiu ao Idesp um caráter elitista, Violeta Loureiro preferiu atribuir a restrição a uma desinformação a respeito do trabalho desenvolvido pelo instituto. Segundo ela, há três anos os pesquisadores do Idesp dedicam-se a pesquisas na área ambiental, citando como exemplo os trabalhos já publicados a respeito da ocupação dos castanheais e da apropriação das margens da região guajarina por parte de grandes empresas. "Não tenho culpa se as pessoas não estão acompanhando esse trabalho", disse, acrescentando que o Idesp teve a coragem política de divulgar um boletim contestando o índice de inflação zero reivindicado pelas autoridades econômicas do governo federal.

Rompimento

A internacionalização do conhecimento científico a respeito da Amazônia e o rompimento com todas as formas de nacionalismo estéril no tratamento da questão ambiental foram os desafios lançados, ontem, pelo sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto, pesquisador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, durante sua participação no painel "Amazônia e a internacionalização da questão ambiental". "Estamos no século da ecologia e é natural e saudável que a comunidade internacional considere a Amazônia como uma questão central", disse o jornalista, para quem o "nacionalismo de viseira" precisa ser jogado na lata do lixo da história. A boa intenção sempre foi um bom combustível para alimentar as fornalhas do inferno, ironizou Lúcio, ilustrando sua tese com exemplos retirados da história recente da região.